

4701280 - DIVERSIDADE

Matriz fenomenológica e existencialista

Docente responsável: Danilo Silva Guimarães

(CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9266781984642215>**)**

Monitor PAE: José Henrique Parra Palumbo

Fenomenologia, uma ciência rigorosa

A fenomenologia estabelece relações com todas as ciências e, em especial as ciências humanas e a psicologia. Ela propõe “uma mudança nas relações entre o conhecimento empírico e a subjetividade, tais como estabelecidas no objetivismo cientificista” (Figueiredo, 1989/2010, p. 174).

A necessidade de conhecimento do homem, para o conhecimento do mundo (Figueiredo, 1989/2010, p. 174).

Em busca de uma resposta sobre como fundamentar uma interpretação verdadeira, que permitiria às ciências culturais e à psicologia se desviarem do irracionalismo relativista, é dado pela fenomenologia (Figueiredo, 1989/2010 , pp.174-175).

Fenomenologia: um anti-romantismo

Ao passo que a alternativa estruturalista concebe o rigor prioritariamente em termos metodológicos, a fenomenologia se preocupa essencialmente com o rigor epistemológico, sendo a fenomenologia uma matriz que continua e aprofunda a tradição racionalista trilhada por Descartes, Kant e Dilthey. Embora guarde aproximações com o ideário romântico, sob certos aspectos, a pode ser considerada um anti-romantismo. (Figueiredo, 1989/2010 , p. 174)

As descrições fenomenológicas da estrutura geral da consciência exerceram grande influência sobre todas as ciências compreensivas, abordando, em especial os conceitos de intencionalidade, temporalidade e horizonte. (Figueiredo, 1989/2010, pp. 176-177)

O papel rector da fenomenologia

Decorre, dessas considerações fenomenológicas, que haveria sempre um limite para o conhecimento do mundo, do outro e de si pela consciência, há impossibilidade de determinar por completo as coisas e as pessoas. Resguardando a compreensão de que a fenomenologia é um campo heterogêneo de reflexões e práticas. A atividade do psicólogo compreensivo se reaproxima dos modelos românticos da comunicação. A compreensão, porém, também tem seus limites, o homem é um ser que não pode ser compreendido em sua totalidade. (Figueiredo, 1989/2010, p. 177 e pp. 180-181).

Da epistemologia à ontologia

[...] Heidegger tem o mérito de colocar nossa relação com o mundo no foco, como oposta à morada na introspecção, que tem uma longa tradição, de Agostinho a Bergson, passando por descartes (é claro), mas também Peirce e James. (Vedeler, 2015, p. 138)

Note que a conexão entre tempo e experiência não pressupõe uma instância reflexiva como o “Ego”. Em uma separação radical do seu mestre Husserl, Heidegger argumenta que o Dasein humano [tipo de ser que chamamos a vida humana] não é produto de uma reflexão do Ego ou do Self. Dasein, e, por extensão, temporalidade, não são objetos de contemplação reflexiva, mas eles são encontrados na ação de ser e fazer: “Habitualmente, a interpretação do Dasein é governada pelo cotidiano, pelo que alguém tradicionalmente diz sobre Dasein e vida humana... Ela é governada pelo ‘Uno’, pela tradição” (Heidegger, 1992/1924, p. 9E). Com exceção notória do ato que chamamos reflexão, a figura do Ego cogitativo simplesmente não existe: “Ninguém é si-mesmo no cotidiano” (Heidegger, 1992/1924, p. 8E). Portanto, o Dasein excede o *Selfhood* individual. (Cornejo e Olivares, 2015, pp. 109)

A questão da corporeidade

[...] enquanto Bergson é fiel à tradição agostiniana-cartesiana, e mesmo kantiana e husserliana, para buscar a verdade através da introspecção, Merleau-Ponty privilegia o contato físico com o mundo, onde subjetividade e objetividade se mesclam. O assunto da relação entre o self e o mundo externo é deslocado para o ponto de contato relativo, seja pela pele ou por um instrumento incorporado (p. ex. o cão do homem cego, o ponto limite no qual substitui o olho do homem, coisas que Heidegger já estava tocando). (cf. Vedeler, 2015, p. 147)

A tradição e a psicologia

A tradição cultiva os sistemas psicológicos através de investimentos que implicam a construção da corporeidade pessoal. Esses investimentos envolvem o estabelecimento de uma ordenação social na base de mútuas regulações das atividades numa dada situação de vida. A temporalidade, portanto, diz respeito ao modo pessoal e cultural de viver e dar sentido às transformações no curso da vida. Essas transformações podem ser estabilizadas em construções simbólicas que a pessoa pode usar para descrever sua historicidade no fluxo das experiências, dos pensamentos e sentimentos.

A reflexão ética...

Referências:

- Cornejo e Olivares, 2015
- Figueiredo, 1989/2010
- Vedeler, 2015